

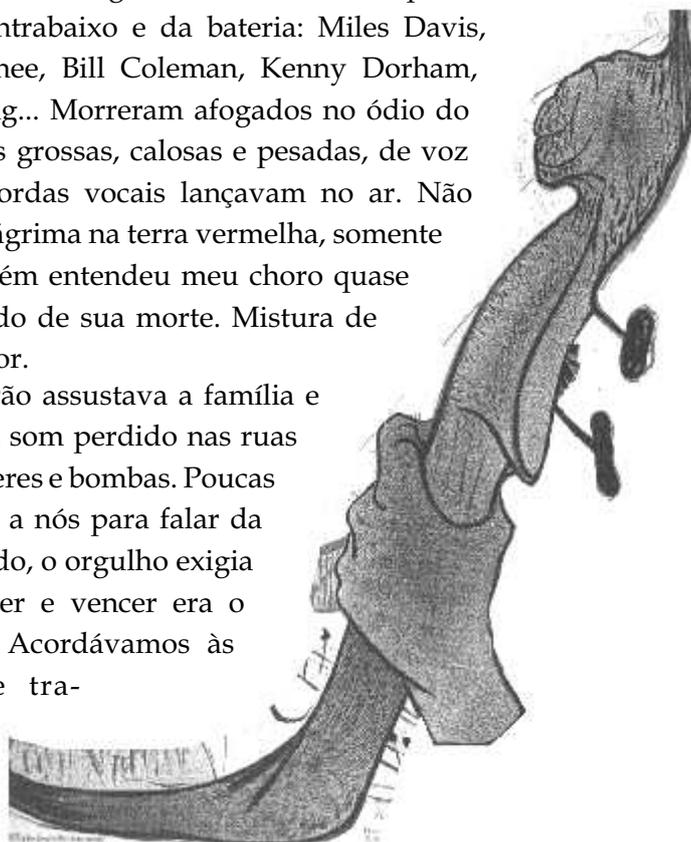
JOGARAM COM UM MORMAÇO DE VOZ

Carlos Pessoa Rosa*

Perdido em terra estrangeira; arrostar a vitrina de instrumentos musicais. Aqui me encontro, no intervalo de um debate chulo e estéril. Além de não valorizarem os latinos, não leram Bachelard. Se me respeitam um pouco é pela minha descendência, pelo que restou do jeito e cheiro alemão. Não fosse assim, não se dariam ao trabalho de me ouvir. Pouco importa, o momento é do antigo sonho. Ou pesadelo? Poderia ser um instrumento menor, um violino ou uma flauta... Estranho gosto pelo contrabaixo.

Poderia aproveitar a calefação da loja. Fora, faz um frio de bater os dentes. A última vez que eles se agitaram assim foi de medo. Um pai enorme e inatingível gesticulava e atirava o disco de vinil pela janela. O rio que cortava nosso terreno encarregou-se de levar o único prazer que restava na minha infância: ouvir jazz. Da janela, vi os músicos, um a um, caírem nas águas; distingi o som abafado do piano, da guitarra, do contrabaixo e da bateria: Miles Davis, Howard MacGhee, Bill Coleman, Kenny Dorham, Louis Armstrong... Morreram afogados no ódio do alemão de mãos grossas, calosas e pesadas, de voz grave que as cordas vocais lançavam no ar. Não derramei uma lágrima na terra vermelha, somente na alma. Ninguém entendeu meu choro quase torrencial quando de sua morte. Mistura de raiva, prazer e dor.

O vozeirão assustava a família e os vizinhos, um som perdido nas ruas cheias de cadáveres e bombas. Poucas vezes dirigiu-se a nós para falar da guerra. Derrotado, o orgulho exigia provação. Vencer e vencer era o lema em casa. Acordávamos às cinco horas e trabalhávamos até o almoço. Retornávamos ao trabalho



Detalhe - Toulouse-Lautrec

depois das aulas. Na carpintaria, falávamos o mínimo necessário. Se quiséssemos estudar, deveria ser assim. Pelo menos para mim e para Walter, o irmão do meio. O meu nascimento vem com a maior tragédia da família. Nossa mãe morreu no parto. Um desfecho nada agradável para Ingrid, a irmã mais velha, que foi obrigada a largar tudo para cuidar da casa. Morreu de pneumonia antes de conhecer o sexo.

Eu fui o único que me saí. Walter nunca se deu bem com os livros. Foi obrigado a largar os estudos. Passava o dia no galpão. Um inferno no verão. Suportar o homem acostumado a dar ordens e a desdenhar a família. De sobrancelhas exuberantes, o nariz grosso e vermelho, graças a uma rosácea nunca curada, o homem não sorria. Walter superou nosso pai e transformou-se em um bom marceneiro. Talha a madeira com arte. Foi a maneira que encontrou para desafiar o genitor, carpinteiro de gestos grotescos a desbastar a madeira do mesmo modo que fazia com a vida, com movimentos bruscos e carregados de dor. Tão logo o alemão percebeu a afinidade do filho pelo formão, plaina e entalhe, delegou a função. Tecer elogio, nunca teceu. Não demorou para o filho encher a casa de móveis entalhados e esculturas de madeira. Reclamar, o pai não podia. Walter preparava tudo nos domingos e feriados, com o material rejeitado durante a semana. O caixão do pai, foi ele que entalhou.

Não vou negar, o comportamento dele também interferiu na escolha de minha profissão. Educador. Somente alguém com um pai autoritário e castrador poderia ser discípulo de Paulo Freire. Educar não é dar, mas talhar, mais obra de marceneiro que de carpintaria. Também desafiei. Ao meu modo, é verdade. Descobrir os nós da relação de aprendizado e do discurso. Descobrir suas inflexões, as dobras e as rupturas. Aplinar a fala e limar o conhecimento bruto. Nada de asperezas e palavras brutas. O discurso não deve ser objeto de decoração, deve ter o peso da identidade de quem o diz. Mais marcenaria que carpintaria. Prefiro a palavra quebrada se não consigo a imagem desejada. Um entalhe mais profundo pode ser preciso. Sou um pouco a rotina do galpão e a genética paterna. Não há como me livrar desses passados.

O peso das mãos do alemão de rosto chapado fez com que aprendesse a observar cada gesto seu. De Ingrid também. Os dois pareciam me odiar. Sentia-me culpado pelo ocorrido com a mãe. A dor de cabeça surgida durante a palestra e ainda presente não veio de graça. Ter de agradecer a todos... A fala caminhando à mercê das respostas dos grupos, do franzir da testa, do bocejo deslocado do discurso... Eterno jogo de sedução que não chega a lugar algum. O único momento de descontração do velho era depois do almoço. Permanecia uma hora perdido no vazio, distante da família. Nunca compreendi o silêncio de gestos e falas. Imagina o peso que representávamos para ele. A vontade de abraçar o corpanzil de cento e vinte quilos, dependurado em seu pescoço, ficou no passado. A trama ficou no olhar... Na mesa, as duas mulheres jogaram com um mormaço na voz, a pele amorenada e um corpo de bailarina. Receberam toda a atenção. Ingrid, quando queria, também agia assim. Conseguia tudo do pai, até convencê-lo a nos castigar. Chegou a sujar meus cadernos para

pressioná-lo a me tirar da escola.

Hoje deparo com os mesmos rostos, os gestos frios e calculados, um positivismo científico que coloca o trabalho acima do homem. Por aqui tivemos um deus carpinteiro, nunca marceneiro. A matéria ficou no bruto. A guerra e a vergonha roubaram o devaneio. A família... bonecos russos. A que vim? Fantasia de quem vive no terceiro mundo e não valoriza o que tem. Vou comprar o contrabaixo, nem que demore uma vida para pagá-lo. Difícil será apagar a imagem da testa suando e da boca cuspidando do velho. Semblante de repressão e o peso de um corretivo nas mãos. Mesmo depois de morto, ele continua a influenciar minhas decisões. Mantém a atmosfera do exílio. Não importa, acomodarei o enorme e desajeitado instrumento de madeira em meu corpo, abraçarei o contrabaixo por trás, roçarei suas cordas como se fossem os botões da camisa do alemão, arrancarei som de seu passado: Miles Davis, Howard MacGhee e Bill Coleman. No frio de sua terra natal, este será o único abraço possível no pai.

* Carlos Pessoa - Médico e professor universitário. Publicou Destinos de Vidro e A Cor e a Textura de uma Folha de Papel em Branco (contos).